



ALEXANDRE HERCULANO

As grandes eminencias intellectuaes do seculo vão desapparecendo.

Assim como, quando se esconde a luz, a escuridão invade a natureza, do mesmo modo, no mundo moral, estes dolorosos acontecimentos, enlutam a alma de uma geração.

Podem substituir-se com facilidade os systemas politicos, e as series hierarchicas das sumidades convencionaes, o que o homem não pôde preencher, porém, é o immenso vacuo que abre na terra um grande genio que se apaga, e deixa de brilhar radiante no horisonte da vida para se mergulhar de repente nas trevas da morte.

Por um singular incidente na marcha do pensamento humano, vão abatendo-se gradualmente os talentos predestinados de nossa epocha, deixando por toda a parte uma uniformidade rasa, no meio da qual se levanta ainda em um ou outro ponto este ou aquelle espirito superior, semelhante ás palmeiras solitarias, que se alteiam de espaço a espaço entre as areias do deserto.

Ha momentos em que a vida universal como que se despenha das alturas, e descendo rapidamente pelos declives, dilata-se pelas fracas ondulações dos terrenos sem accidentes.

Dir-se-hia que atravessamos no ultimo quartel deste seculo um periodo semelhante.

Com pequenos intervallos de tempo, a morte vae-nos arrebatando os vultos salientes que foram a um tempo os fanaes e a gloria da civilisação contemporanea.

O pensador e o philosopho não podem deixar de encarar com reflexão este phenomeno contrastador.

E' esta uma hora de angustia. Sentimo-nos subitamente na orphandade de nossos paes espirituaes, e o que ainda é mais acabrunhador, volvendo a vista em torno de nós, quasi não encontramos em quem empregar com fé viva a adoração perdida.

Os grandes talentos que vão naturalmente succeder-nos, não estão bem accentuados ainda para a nossa vista costumada a tão soberanas individualidades. Sentimo-nos fóra de seu cyclo, porque passou para nós a epocha dos ardentes arrebatamentos da juventude. Elles apontam apenas na penumbra luminosa da existencia, que é ao mesmo passo para nós a porta mysteriosa do eterno exilio.

No entanto, enquanto se solidificam os céos, que na cadeia brilhante do pensamento, une o passado ao porvir, prestar homenagem á memoria dos excelsos talentos que se extinguem, é con-

viver com elles; e quanto mais que foram estes a um tempo os apóstolos ardentes da verdade, os cultores fervorosos da sciencia, assim como os prophetas do futuro, a cuja visão ideal, sacrificaram muitas vezes os regalos da fortuna e não raramente as fascinações e as quasi irresistiveis influencias do poder.

Dous nomes bafejados pela aura da popularidade contemporanea desceram ao tumulo um após do outro. Thiers e A. Herculano acordaram quasi ao romper da mesma aurora do seculo e morreram quasi no mesmo dia. França e Portugal vestem-se de crepe, por um motivo identico, e quasi á mesma hora. Vendo em funeral as bandeiras destas duas nações amigas, o Brazil traja tambem de luto.

E para que essa solidariedade fosse ainda mais estreita, desce tambem agora á sepultura um senador do imperio, que por sua illustração, seu patriotismo e sua dedicacão sem limites á causa da liberdade, merecia o respeito de seus concidadãos: o Sr. senador Pompeu.

Alexandre Herculano era um nome popular nas partes do mundo em que se falla a lingua portugueza.

Ha perto de meio seculo, aquelle vulto severo, de pé no atrio da historia, trahio o seu voluntario retiro, associando-se a todas as grandes idéas que encaminham a humanidade a seus fins desconhecidos, mas sem duvida grandiosos.

D'ali estudava com a tristeza e ao mesmo tempo a inflexibilidade de Tacito, as leis ainda não bem determinadas que presidem ás evoluções das sociedades humanas e talvez as causas porque alguns povos modernos estão já civados da corrupção que apressa o declínio das nações decrepitas.

Não se sentindo com vocação nem talvez com animo para se envolver na luta militante dos partidos politicos, tomou a firme resolução de constituir-se em atalaia da consciencia e da razão, defendendo o direito do oprimido contra o forte, condemnando com inquebrantavel coragem as demasias do clero intransigente e ignorante, e não deixando nunca realisar sem protesto vehemente as usurpações do poder arbitrario contra as liberdades santas e ameaçadas.

Este posto de honra sustentou elle até ao fim da vida com a mesma energia e bravura, com que desembarcou no Mindello pugnando com enthusiasmo e intrepidez pela libertação de sua patria.

Foi A. Herculano, como elle mesmo nos disse, homem de fogosas paixões na mocidade. Contava-o a seus amigos, nos momentos de intima expansão. Todo este ardor da minha alma, acrescentava elle, podia ter procurado outro respiradouro; felizmente sahio pela litteratura.

Depois que entrou em Portugal, quando os animos começavam a pacificar-se, A. Herculano passou um anno inteiro recluso na bibliotheca de um parente ecclesiastico, onde fortaleceo com

estudos serios e substanciaes a sua robusta e esplendida intelligencia.

A *Harpa do Crente* e a *Vóz do Propheta* foram as primeiras obras que deo á estampa; pouco tempo depois escreveu no *Panorama* essas paginas immortaes que preludiavam o *Eurico* e o *Monge de Cistér*.

Passados alguns annos a *Historia de Portugal*, preocupava o seu espirito e absorvia quasi exclusivamente toda a sua attenção. Trabalhava então sem descanso 9 a 10 horas por dia. Perguntando-lhe eu uma vez como fazia elle render o tempo, que lhe chegava para tanto, respondeu-me; que nove mezes no anno eram destinados a preparar cada volume da *Historia de Portugal*, e nos trez mezes restantes, que chamava de ferias, escrevia então cousas como o *Eurico*, para distrair-se!...

O *Eurico* é no em tanto obra de tal natureza, que na opinião de Garrett, não só entre os escriptores antigos, como entre os modernos, não se encontra a descripção de uma batalha comparavel com a da batalha do Chryssus!

A. Herculano, n'aquelle tempo, isto é no meio da pequena roda que frequentava a sua casa, em 1848 e 49 não era de modo algum o homem taciturno e sombrio, com que muitas pessoas o pretendem figurar.

Era para nós todos um mestre sem pedantismo, um phylosopho sem o olympico apparato de uma toga grega ou romana. Instruía-nos com as cousas mais serias e delectava-nos com as palestras mais amenas. O meu amigo Bulhão Pato, que era como um filho adoptivo do mestre, e o Sr. Conselheiro Mendes Leal, devem ter de certo, como eu, bem vivos na memoria, os momentos apreciaveis em que o ouviamos larga e espirituosamente discorrer.

Se as letras portuguezas deploram a perda irreparavel porque acabam de passar, deixando-lhe um vacuo tão difficil de prehencher, esta dôr é ainda mais sensivel para aquelles que tiveram a fortuna de conhecer e tratar, o que não era de certa cousa muito trivial, tão eminente escriptor e tão profundo e notavel publicista.

A. Herculano desapareceu agora effectivamente da scena do mundo, mas ha muito tempo que o seu nome estava circundado pela aureola com que aos homens predestinados do engenho cinge a mão imparcial da posteridade.

O seu nome será immorredouro, porque a elle está para sempre vinculada a gloria litteraria da nação portugueza.

A. E. ZALUAR

O ORACULO D'AMMON

Um navio appareceu um dia da banda do oriente. Quando se aproximou da côsta, vio-se que trazia a proa adornada com pontas em espiral. Vinha do continente. Do cimo do mastro grande, um piloto, com a lança em punho, dirigia a manobra.

O navio adiantou-se até aos fôssos do palacio e ancorou. Dous Ethiopes desembarcaram. Pediam para fallar ao rei dos reis.

Por entre o dèdalo de ruellas, de escadas, de terraços, de gallerias, conduziram-os ao palacio do soberano dos Atlhantes.

O monarcha estava reclinado em cima de pelles de pantheras recordando seu character sagrado. Perto delle achavam-se deitados dous leões domesticos. Estrellas de ouro aljofravam o seu vestuario azul ceeste; tinha, preso aos hombros, o manto de purpura e harminho, e, na frente, uma especie de tiara enriquecida por tres diademas, o primeiro azul, o segundo de ouro, e o terceiro de gemmas, symbolo do poder supremo.

O rei ergueu-se. Os padres rodearam-o e começaram os cantos sagrados a que os neophytes respondiam em versos rythmados.

Eram os enviados portadores de uma mensagem para o rei dos reis.

O chefe dos sacerdotes magnos recebeu-a em suas mãos, e desdobrou-a por cima de uma tripode em que ardia o incenso que conjura os malifícios, entregando-a depois ao rei dos Atlantes.

Fallou o oraculo de Ammon, dizia a mensagem. Predisse que um grande desastre ameaça as terras Atlantes. Nunca as suas predições deixaram-se de realizar-se.

O soberano de Ammonia envia o oraculo a seu irmão da Atlantida, a fim de que este possa aplacar a colera das divindades.

O rei dos reis tendo conhecimento da mensagem, respondeu aos enviados:

— Louvado seja meu irmão! Os Atlantes tambem tem o seu Deus poderoso. Iremos consultar em seu templo o protector de nossas ilhas e pedir-lhe o auxilio do *Coração do Céu*.

Os padres e os advinhos acompanhar-nos-hão. Que o Espirito os inspire para interpretar a resposta de Neptuno.

Disse. O cortejo partio e sóbe os degraus do templo.

A entrada os padres revestem-se com os seus paramentos sagrados, penetram depois no santuario, onde principiam suas invocações.

Um touro, com a frente ornada de fachas verdes, côr do mar, e nos olhos uma venda, é conduzido do bosque sagrado, e transportado por planos inclinados sobre o altar de Neptuno, em frente á estatua do Deus.

O rei toma em suas mãos augustas o cutelo dos sacrificios. A lamina é de obsidiana, e o cabo,

enriquecido de esmalte e pedras preciosas, representa uma figura humana. O rei entrega o cutelo sagrado na mão do chefe dos sacrificadores, que tendo-o tres vezes beijado, o enterra no corpo do touro. Os ajudantes acabam com a victima.

O primeiro jacto de sangue é recebido em uma taça de ouro.

O rei leva-a aos labios e a apresenta aos assistentes que nella molham o dedo e marcam a frente e a lingua.

Os sacrificadores não em tanto deceparam a cabeça do touro; collocaram-a sobre uma larga pedra onde o sacerdote magno a cobre de imprecações, accumulando nella todos os crimes e malifícios que podem provocar o furor dos deuses. O sangue corre sobre um expiador e consultam-se as entranhas da victima, em quanto as virgens do fogo executam em face do altar cantos e dansas.

O sacerdote magno, levantando então as mãos e os olhos para a estatua de Neptuno.

— Que o Deus dos Atlantes falle agora! exclamou.

Levantára-se a brisa da tarde. Penetra, brincando, por entre as columnas do edificio, até o santuario, e, no meio do silencio, no templo illuminado pelos fogos sagrados, ouviram-se as harmoniosas vibrações que rompem da boca do Deus, cujo rosto resplendeu de repente. Após, emudeceram os accordes, apagam-se as luzes, e o templo recalhe no silencio e na escuridão.

— Filho do Oceano, que vindes consultar o senhor do mar e das ilhas, disse então o sacerdote magno, ouviste as vozes mysteriosas. Neptuno, ó rei dos reis, cubra-te com sua protecção!

— Que seja para sempre venerado, respondeu o monarcha; e que amanhã, na antiga cidade de Menês, se dê uma festa em honra de Neptuno e de meu irmão da Ammonia. São convidados os estrangeiros e os Atlantes.

No dia seguinte numerosa multidão sahe do palacio. Transpõe os largos fôssos, e, formando-se em compridas alas, dirige-se para o outeiro sacrosanto.

A colina, que sóbe aos tempos mais remotos, tem a fórma de um anel. No centro eleva-se um outro monticulo circular mais alto que a corôa exterior, imagem do Sol. Um altar está erecto alli; um grupo de homens vestidos de pelles de tigres, o rodeiam; um delles tem na mão o cutelo de obsidiana. Amarrado a um póste, com as mãos carregadas de péas, um homem de alta estatura está de pé. Tem na cabeça uma penna vermelha, signal de mando.

E' o chefe de uma tribu inimiga cujo sacrificio vae inaugurar a festa.

O cortejo adianta-se. Em frente marcha um bando de guerreiros armados de pedras de funda, brilhantes como ouro. No braço direito, a módo de braceletes, trazem maxillas humanas; no braço esquerdo, o broquel.

Seguem-se os padres. Cobrem-lhes os hombros pelles de pantheras. A cabeça está descoberta e raspada.

Atraz delles, dentro de carros, vão os chefes dos guerreiros. Os seus capacetes imitam cabeças de passaros com cristas de pennas.

Suas vestimentas de couro são pintadas de cores vivas e cheias de figuras e de emblemas.

De seus broqueis pendem longas franjas, as redeas são ornadas de perolas, coraes, escamas de ouro e de prata. Nas laminas de pau duro de suas espadas estão es crustados estilhaços de obsidiana e de silex. Seu rosto é pintado de vermelho.

No meio delles vai o porta estandarte, personagem sagrado, cuja cabeça está envolvida em um capacete singular.

O rei é conduzido por um elephante em uma especie de torre coberta de laminas scintillantes. Traz na cabeça o morrião do combate. Uma mascara, representando uma cabeça de finado incrustada de marfim e de pedras preciosas, lhe garante o abdomen.

Perto d'elle, em uma liteira ricamente ornada, vem a rainha, com a cabeça coberta por um véo transparente.

Seus cabellos levantados no alto, desatam-se pelas côstas em compridas tranças de ouro. Uma saia de pennas presa por um cinto brilhante, desce-lhe até ao joelho.

Seus pés estão calçados com sandalias. A liteira é carregada por seus famulos e escoltada por um bando de mulheres guerreiras armadas de gladio e de escudo. Após a rainha caminham as virgens, veladoras do fogo sagrado, e os guerreiros compoem a guarda do palacio.

Estes fecham a marcha, subidos em cima de carros.

O cortejo páradiaante do outeiro. Todos alli se apeiam. O rei sóbe lentamente os degrãos do terraço circular. A rainha e os sacerdotes do fogo grupam-se a seu lado, em quanto que o resto do cortejo se distribue em circulo sobre o oiteiro annular, onde cada qual toma lugar, segundo a sua dignidade.

Procede-se então ao sacrificio. A victima é desprendida das pês e atirada ao chão. Em um lance de olhos, rasgam-lhe o peito, e seu coração é offerecido ao rei em uma bandeja de cristal de rocha. O vapor do sangue o envolve.

O rei levanta com ambas as mãos a bandeja a cima da cabeça e a offerece á divindade.

Depois as virgens a recebem e deitam o coração da victima na tripode em que arde o fogo sagrado.

Terminado o sacrificio, o rei estende a mão sobre a turba prostrada e dá o signal da festa. Os jogos, as dansas, os cantos, os corridas, as justas, os combates começaram. A multidão embriaga-se de prazeres, de gritos e de sangue.

— Agora, disse o chefe dos grandes sacerdotes com voz alta, que os mensageiros sejam carregados de presentes; que uma escolta os acompanhe

a seus navios, e que narrem ao rei da Ammonia, qual foi o acolhimento que receberam do rei dos reis e a resposta do Deus dos Atlantes.

A estas palavras; um clamor favoravel acolheu os mensageiros; com guerreiros os seguiram; os escravos carregavam os presentes, em quanto os padres e os neophytos cantavam louvores aos deuses. Chegaram ao porto. Os Ethyopes entraram em seus navios; o piloto deu signal de partida; vento propicio enfuna as vellas e em pouco tempo não se descobre no oriente mais do que a ponta do grande mastro, que tambem por fim desaparece.

A. DAUX.

OS MUNDURUCU'S

Entre as diversas tribus que existem actualmente no valle do Amazonas, distingue-se a dos Munducurús pelo seu character nobre, moralidade e amor ao trabalho.

Mais do que o governo, em todos os tempos, tem os Mundurucús concorrido para o desenvolvimento do commercio, navegação e aproveitamento das riquezas naturaes desta parte do Imperio.

Oppondo-se energicamente ao ingresso dos primeiros povoadores, depois que estes abusaram de sua boa fé, os Mundurucús aceitaram a paz que lhes foi proposta pelo presidente de Pará, e depois desse acto constituiram-se os defensores do commercio, abrindo guerra a todas as tribus bravias e de má indole que infestavam o Tapajó, Madeira, seus affluentes, e mais rios que entram no Amazonas, no espaço comprehendido por estes duos.

Os Muras, Manés, Araras, Apiacás, Jurunas, Caripunas, Turás, e Parentintins, que tantos obstaculos offereceram á navegação e ao commercio desses rios, foram acossados pelos Mundurucús durante longos annos, destruidos em grande parte, e reduzidos quasi ao silencio. Actualmente só os Parentintins descem uma ou outra vez ao Madeira, para atacarem algum viajante escoteiro, ou barraca de seringueiro medroso, como aconteceu no tempo de minhas viagens.

Se ha entre nós alguma cousa que faça lembrar as Cruzadas da idade media, é certamente essa guerra dos Mundurucús, que durante tantos annos ferio-se á sombra das florestas, sem testemunhas alem dos contendores, e cuja historia é quasi desconhecida.

Feitos os preparativos durante o inverno, de Janeiro á Junho, partiam os exercitos Mundurucús das margens do Tapajó em todas as direcções onde havia inimigo a combater.

Ordinariamente marchava-se por terra; mas quando era mais facil o ataque pelos rios, armavam-se esquadras de ubás, onde iam de 300 a 600 combatentes.

Um destes ataques teve lugar nos rios Andirá e

Mamuré, apparecendo pela primeira vez as canoas dos Mundurucús guarnecidas de bôrdas falsas de couro de anta (especie de encouraçados) que defendia-lhes o tronco das setas inimigas.

Os prisioneiros jovens e creanças, eram tratados como iguaes, e pintados com os distinctivos da tribo; aos inimigos mortos depois de grande luta, cortava-se a cabeça, que o vencedor conservava como o seu melhor brazão de nobreza.

Estas cabeças são bem conhecidas e pôdem ser vistas no Museo Nacional.

Por meio de incisão e com o suco do genipapo, pintam-se os Mundurucús caprichosamente, os homens de modo diverso das mulheres. Na relação da viagem do professor Agassiz vem uma copia fiel do desenho, que é notavel pela symetria, e dará melhor idéa que qualquer descripção.

Os homens tem a fronte alta, e são em geral bem conformados e fortes; as mulheres, quasi todas de pepueno talhe, distinguem-se pela agudeza do espirito e certa delicadeza original, que em meio das selvas tem seu encanto, mas pouco vale na cidade.

Distinguem os Mundurucús duas classes entre si, os Iririchates e Ipatipacates, classes fundadas apenas em differenças phisicas, mas em tudo iguaes quanto aos direitos.

A classificação é privilegio do sexo feminino, que entre elles, como por toda a parte, tem mais perspicacia que o masculino.

São propriamente duas grandes familias as classes, quanto ás relações dos sexos. Os Iririchates não se podem *casar* entre si, e assim tambem os Ipatipacates. Um joven casal, de qualquer das classes, anda só impunemente, conversa em qualquer lugar, e permuta os maiores carinhos, sem que isso dê lugar á menor suspeita; são *irmãos*.

Pôde-se dar um ou outro abuso, mas em geral observei respeito absoluto mesmo entre individuos de maior idade.

Não escapam á classificação os hospedes, de modo que sem o saberem, ficam logo aparentados no momento em que pisam na aldeia.

E conforme a classe em que são melusos, vem as moças della, suas irmãs, traserem-lhe a comida, armarem-lhe a rêde, e conversar familiarmente. As outras, sempre esquivas lançam de longe seus olhares curiosos, e só praticam com o hospede como pessoa estranha e com o maior recato.

Quando visitei as aldeias de Tapajó levava em minha companhia um tuchana do rio Maués, o capitão Vicente, homem bravo e de alto criterio, que valia por um batalhão.

Como era Mundurucú, e naturalmente devia estar classificado em seus dominios, perguntaram-lhe duas indias de meia idade a que classe pertencia. O capitão tendo percebido que fallava com Iririchates, respondeu que pertencia a esta classe, com o fim de gracejar com ellas, pois não

tardaria muito que soubessem a verdade. Immediatamente recebeu grandes presentes de fructas e caça e ao lado delle ficaram as indias a conversar com franquesa.

Este agasalho fraternal observava eu de uma casa fronteira; mas no fim de algum tempo vi o capitão isolado; tinham-lhe descoberto o trama as indias, que immediatamente desapareceram. O lingua contou-me a historia, que o velho confirmou com a seriedade de Mundurucú.

Vivem estes indios nas margens do Tapajó, e na região que vaé d'ali ao Madeira. Nas aldeias frequentadas pelos *civilisados*, regatões e viajantes, andam quasi todos vestidos, e ainda *mal* cobertos os que vivem nas campinas centraes, e a quem os outros denominam campineiros. E' d'aqui que partem ainda hoje algumas columnas para bater os restos das tribus bravias; que os da beira-rio, entregues á industria extractiva, já perderam o amor das lutas, talvez persuadidos da inutilidade dellas.

As aldeias destes indios são construidas por um casarão de palha, que pôde accomodar mais de 200 pessoas, e algumas palhoças destacadas, em numero limitado.

Nas margens do Tapajó visitei tres aldeias de 300 e 500 almas, porém nas campinas do centro algumas ha de 800 a 1,200. Aqui se observa ainda o regimen militar em que viveram durante muitos annos os Mundurucús, regimen necessario para quem tinha um inimigo em cada vizinho.

Nas campinas, o grande barracão é um verdadeiro quartel, ou casa forte, onde são obrigados a dormir todos os homens de 15 a 50 annos mais ou menos. O quartel é dividido em secções transversaes, por meio simplesmente de esteios, onde dormem os homens de cada familia. Nas faces dos esteios divisorios pintam-se ou esculpem-se as *armas* das familias, ou as figuras de animaes de que tiram appellido.

Assim, têm os *Lapucenas* um veado na face do esteio, que olha para sua secção: os *Sabutempen*, uma arara.

Com as armas guardam-se no quartel as businas, que os indios tocam durante a noite produzindo um berreiro infernal; dormem uns enquanto sopram outros, e alternam até que despontem os primeiros albores da manhã. Esta musica nocturna serve para afugentar o inimigo que por acaso se aproxime, indicando-lhe que a aldeia está alerta.

Ao raiar do dia formam-se os homens de um lado, e do outro as mulheres. O tuchana e sua companheira distribuem o serviço, que é executado pontualmente.

Quando chegam os caçadores e pescadores á tarde, colloca-se o peixe e caça sobre um banco, são benzidos pelo Pagé, e depois distribuidos pelo tuchana entre as familias, na proporção de seus membros.

A obdiencia ao chefe é absoluta, ainda mesmo

nas aldeias da margem do Tapajó, que têm perdido em grande parte os costumes primitivos.

Chegando á aldeia de Jutahy, pedi a um Munducurú que se achava no porto, para concertar uma de minhas canoas, e elle respondeu-me logo: *O branco falle ao tuchana, que eu tenho o meu serviço marcado.* Esta resposta surpreendeu-me sobremaneira.

Mais tarde, observando as extensas plantações da aldeia, a fabricação da farinha em grande escala, a actividade com que se empregavam no trabalho, homens e mulheres, reconheci que os Munducurús eram excepção da regra geral que abrange o resto da população indigena e meio civilisada. Ao respeito da ordem e amor ao trabalho, reúne o Munducurú, como é natural, a honradez e moralidade, predicados rarissimos entre indigenas que da sociedade só têm conhecido os vicios.

Em geral o Munducurú é um homem de bem, franco e leal; não possui a timidez propria do indio; falla com desembaraço, e certa altivez respeitosa, que desperta logo sympathy.

Os negociantes de Santarem confiam a credito suas fazendas aos Munducurús do alto Tapajó, com mais confiança, que a muita gente *civilisada!*

Em uma aldeia que tinha perdido o tuchana, vi um seu irmão recolhendo drogas com todo o esforço para levar em pagamento da somma de 3:000\$ em fazendas, que o fallecido tomou em Santarem. E a segurança do credor estava sómente *na patawa do tuchana!*

Não vi um só mestiço nas aldeias Munducurús, observando a maior decencia, e mesmo certa delicadeza de costumes bem rara no paiz.

O illustre professor Agassiz, de saudosa memoria, falla com enthusiasmo de um casal munducurú que nos acompanhou da aldeia de Manés em um navio de guerra a Manaós.

Os sentimentos elevados dos Munducurús são talvez devidos em parte á crença que nutrem de sua origem superior.

A tradição oral conserva ainda os restos da teogonia, que consegui obter durante tres mezes de residencia entre estes indios, e com a coadjuvação de um homem que passou vinte annos de sua mocidade com elles, por causa da revolução de 1835.

Eis a historia tal qual me foi contada.

DR. J. M. DA SILVA COUTINHO.

(Continua)

A EX-COLONIA DE S. LEOPOLDO

I

FUNDAÇÃO DA COLONIA

(Continuação)

Inefficazes foram os esforços de diversos presidentes para conciliar os interesses que alli traziam os espiritos agitados, contrariando o progresso da colonia e perturbando a tranquillidade de seus habitantes; e entre elles especialmente o fallecido conselheiro Angelo Maniz da Silva Ferraz, barão de Uruguayana, corou, com particular attenção, mas sem resultado, de modificar o desenvolvimento cada vez mais serio de semelhantes questões.

E' que de um lado alimentavam os colonos a crença de que o governo premeditadamente procrastinava a legislação das posses, para esbulhar-os dos terrenos já beneficiados, e de outro as providencias do governo provincial não alcançavam as causas primitivas das contestações, nem podiam estender-se á latitude necessaria para abranger todas as questões, por pertencer ás attribuições do governo geral, que aliás não descurou de colher os dados precisos, afim de sobre-stal-as do modo mais conveniente e até com notavel generosidade.

Com effeito, em virtude de ordens do governo imperial, exaradas em aviso de 6 de novembro de 1862, expedido pelo ministerio da agricultura, commercio e obras publicas, informou o sr. dr. Esperidião Eloy de Barros Pimentel, então presidente da provincia do Rio-Grande do Sul, em officio de 30 de Janeiro de 1863 que as questões entretidas na colonia de S. Leopoldo extremavam-se nas seguintes queixas dos colonos:

1.º Recusa em entregar-se-lhes os titulos permanentes de propriedade dos prazos coloniaes, que o governo lhes concedeu.

2.º Falta de medição e demarcação desses prazos.

3.º Venda de terrenos encravados entre os prazos, feita a especuladores, que só tinham em vista revendel-os por preços exagerados.

A estes motivos reunião-se outros especiaes, que consistiam:

1.º Prejuizo de muitas braças de terreno contra os colonos da picada denominada «Dous Irmãos», proveniente da descriminação das terras devolutas das fazendas do Padre Eterno, cuja compra havia sido contractada por Horking Miranda & Comp.

2.º Contestação de limites na picada Herval entre os colonos alli estabelecidos em 1847 e 1853.

3.º Queixa de cerca de 40 colonos da Linha Nova, [de não terem até então podido obter seus titulos de propriedade, apesar da medição judicial dos terrenos, feita á sua custa.

4.º Falta de terreno a diversos colonos da picada Hortencia, para completar as áreas a que têm direito, por se ter reconhecido que em mais de metade do seu comprimento estendiam seus lotes por uma propriedade particular.

5.º Reclamação de diversos colonos estabelecidos na picada Campo Bom, por terem sido privados da melhor parte de seus lotes, situada á margem do rio dos Sinos, que lhes servia de limite, em razão de ter o governo posteriormente á flidade de suas residencias alli, concedido a Frederico Bier estabelecer-se á quem do rio.

6.º Diversas contestações na picada Feliz, as quaes cons-

tantamente perturbavam a tranquillidade e a paz entre os colonos nella situados.

Enumerando estas causas, accrescentou o mesmo presidente no citado officio:

« Dessa simples exposição se deduz que a causa principal das questões e contestações dos colonos consiste na falta que nas épocas das concessões dos prazos colonias se cometeu, de dar-se-lhes posse em terrenos não demarcados e medidos, de modo a tirar toda a duvida quanto à extensão e lugar de cada um desses terrenos, chegando a imprevidência e precipitação ao ponto de designarem-se prazos aos colonos sobre terras de propriedade particular, as quaes foram pelo tempo adiante reivindicadas. O unico meio que me parece effizaz para cortar todas as questões, que tendem a eternisar-se, consiste em proceder-se hoje ao que se deveria ter feito por occasião do primeiro estabelecimento dos colonos: isto é, uma medição geral dos lotes colonias nas linhas de S. Leopoldo, e demarcação dos limites á custa do governo, que se obrigou a dar a cada um dos colonos uma certa área de terreno, medida e demarcada. Se por esse processo se verificar, como ha muitos casos, que os prazos concedidos, ou não continham a extensão prometida, ou foram designados em parte sobre terreno de propriedade particular, corre ao governo o dever de indemnisar o colono, dando-lhe em outro lugar a porção de terra necessaria para completar o numero de braças quadradas, a que elle tem direito, etc.

« Reconhecendo a necessidade de uma medição e demarcação geral nas colonias de S. Leopoldo para rectificarem-se a área e limites destas colonias, como condição imprescindivel, para se concederem os titulos permanentes, e por uma vez se pôr termo ás contestações entre os proprios colonos e os proprietarios confinantes, me parece que essa medida só pôde ser levada a effeito pelo meio que apontei no meu citado officio (officio do mesmo presidente datado de 20 de Março do mesmo anno); isto é, a nomeação por parte do governo de um agente habilitado para proceder áquelles actos, e munido das precisas faculdades para cortar as questões, que durante o processo se suscitarem, com recurso meramente administrativo para a presidência. Todas essas questões devem ser decididas por meio de composições amigaveis entre os colonos, e por um prudente arbitrio do governo; do contrario ameaçam eternisar-se. »

Ao mesmo tempo o sr. Eickmann, ministro da Prussia, desejoso de vêr resolvidas as questões, que interessavam os seus compatriotas, e reconhecendo os sentimentos favoraveis do governo imperial, que curava deste assumpto com particular attenção, apresentou ao fallecido sr. brigadeiro Pedro de Alcantara Bellegarde, então ministro da agricultura, commercio e obras publicas, uma lucida memoria, escripta em Porto-Alegre, e datada de 14 de julho de 1822, sobre as causas das referidas questões, segundo seus estudos e dados colhidos por elle proprio na localidade.

Neste trabalho, depois de considerar todos os motivos que na colonia perturbavam a tranquillidade de seus habitantes, diz:

« Avant toutes choses il est indispensable de résoudre la question de droit: c'est à dire, de reconnaître nettement que la disposition de la loi du 13 septembre 1850 et du règlement du 30 janvier 1854, sur la légitimation et les

mesurages judiciaires des possessions territoriales ne sont pas applicables aux colonies, etc.

« Ceci une fois admis, je partage entièrement l'avis de M. le président qu'un seul fonctionnaire délégué ad hoc par le gouvernement central doit être chargé du mesurage de toutes colonies, de la verification des titres, en vertu des quels les détenteurs actuels les possèdent, e de l'expédition des documents que leur garantissent selon la loi le droit de propriété.

« Le fonctionnaire à mon avis ne saurait être un simple ingénieur, car il n'a pas à tracer sur un terrain non habité des lignes géométrique, mais sa tâche est plutôt de concilier le statu-quo actuel des possessions tel qu'il s'est formé pendant plus de trent ans, avec les principes d'après lesquels le gouvernement avait voulu organiser la colonisation. »

Assim, pois, o sr. Eickmann adoptava inteiramente inteiramente, como a mais acertado, a indicação do presidente da provincia do Rio-Grande do Sul, para liquidar convenientemente as contestações territorias na colonia.

D'ahi a criação de uma commissão especial, que o governo imperial em seguida reputou necessaria, para os fins preditos, e cujos trabalhos constituem o subjectivo do seguinte capitulo.

DR. L. A. DE SOUSA PITANGA.

(Continúa.)

PAGINAS DE FLAMMARION

A Astronomia é a um tempo a sciencia do universo material e a sciencia de universo vivo, a sciencia dos mundos e a sciencia dos seres, a sciencia do espaço e a sciencia do tempo, a sciencia do infinito e a sciencia da eternidade. Rasgando o véo antigo que nos escondia os esplendores da criação universal, mostra-nos na immensidade que se desdobra sem limites em roda da terra, mundo succedendo aos mundos, sóes succedendo aos sóes, universos succedendo aos universos, e o espaço sem fim povoado de astros sem numero desenvolvendo para alem do horisonte que o pensamento pôde conceber as series indefinidas das creações simultaneas e necessarias. E' esta a evidencia em sua vertiginosa grandeza..

Nem a timidez das almas receiosas, nem os sophismas dos espiritos futeis, nem as negativas dos que não querem vêr, obsta que a natureza seja e que permaneça o que é. O globo que habitamos não constitue por si só toda a criação, mas ao contrario é apenas uma parte infinitamente pequena e um accessorio quasi insignificante. A seu lado vagam no espaço mundos como elle habitados.

Milhões de systemas planetarios como o nosso volvem na immensidade profunda. As estrellas não são fixas nem inalteraveis; caminham, voam nos céos com rapidez inconcebivel á nossa concepção; giram em roda de si; associam-se em

systemas estellares; são acompanhadas por planetas que alteram os seus cursos, tem manchas como o nosso sol, e os elementos que ardem em nosso fóco solar também ardem nessas luzes longiquas, espalhando em torno irradiações fecundas que semeiam a vida em todas as regiões do Universo. E a Terra não é mais que um ponto escuro perdido na multidão; e a humanidade terrestre não passa de uma das innumeráveis famílias que habitam as celestes paragens; não ha outro céu a não ser o espaço vazio em cujo seio os mundos se movem; e nós achamo-nos actualmente no céu, do mesmo modo que se habitassemos Jupiter ou Siro; e todas as ideas recebidas até aqui pela humanidade relativas á Creação, á Terra, ao céu, á situação do homem na natureza e sobre nossos destinos, devem passar hoje por uma transformação radical e absoluta. O sol da Astronomia resplende sobre nossas cabeças. Acabou-se a noite. O dia rompeo.

Pequeno é sem duvida o numero de homens, e mesmo de astrônomos, que se apercebiam desta revolução calma e pacifica, começada ha perto de tres seculos por Galileo, e que se adianta rapidamente para o seu termo. Vive-se hoje ainda como se o firmamento de Josué estivesse ainda solidamente arqueado sobre nossas cabeças; e não se comprehende que a Astronomia, calculando as distancias dos astros, precizando seus movimentos, descobrindo sua constituição physica e chimica, lançou uma ponte para o pensamento humano entre o céu e a terra, ou antes fazendo desaparecer o céu antigo e revelando-nos a natureza desses outros mundos, vinculou em laço secreto de sympathia a Terra e suas irmãs do infinito.

Não é apenas das massas dos corpos celestes que se occupa hoje a sciencia de Copernico, de Kepler de Newton; mas também das condições em que a vida se deve encontrar em sua superficie. Fazendo estalar em pedacos a esphera que a soffocava, a vida derramou-se de repente em torno de nós na immensidade; engrandecendo o universo, a Astronomia engrandeceu ao mesmo tempo a esphera da vida. Não são já fragmentos inertes rolando inutilmente no espaço que pesa hoje a sciencia; não é um deserto infinito desenrolando-se em silencio na noite estrellada que o dedo da Urania nos mostra atravez da immensidade; é a vida, a vida immensa, universal, eterna, agitando os atomos de todos os globos, palpitando nas ondulações da luz, radiando em torno de todos os sóes, estremecendo nas atmosferas tepidas e luminosas, fazendo ouvir seus cantos divinos em todas as espheras, e vibrando por entre o infinito em accordes multiplices de uma harmonia immensa e inextinguivel.

O Universo é coeterno com Deus e infinito como elle. O que era hontem é hoje; o que é hoje será amanhã.

Nada se crea, nada se perde.

Antes da epocha em que o primeiro olhar humano terrestre se ergueu para o sol e admirou a natureza, o Universo existia como existe hoje. Havia outros planetas habitados, outros sóes brilhando no espaço, outros systemas gravitando ao impulso das forças primordiales da natureza; e de feito ha estrellas que estão tão afastadas de nós, que sua luz apenas nos chega depois de milhões de annos de marcha incessante de 75,000 leguas para cada segundo, e o raio luminoso que hoje recebemos partiu de seu seio não só antes da existencia do homem sobre a terra, mas também antes da existencia de nosso proprio planeta.

A nossa personalidade humana, de que tanto caso fazemos, e a cuja imagem formamos Deus e todo o Univorso, não tem importancia alguma no conjuncto da criação. Quando a ultima palpebra humana se fechar sobre a terra o nosso globo —depois de haver sido durante tanto tempo a residencia da vida com suas paixões, seus trabalhos, seus praseres e suas dôres, seus amores e seus odios, suas pretensões religiosas e politicas e todas as suas inutilidades finaes, —se tornar insensivelmente deserta, arruinada, silenciosa, escura, sepultada lentamente nas fachas de uma noite profunda que o sol apagado não despertará mais, ainda então como hoje, o Universo estará igualmente completo, as estrellas continuarão a brilhar nos céos, outros sóes illuminarão outras terras, outras primaveras farão despontar os sorrisos das flores e as illusões da juventude, outras manhãs e outras noites se succederão, e o mundo proseguirá como no tempo presente: porque a criação se desenvolve no infinito e na eternidade, e não ha realmente tempo nem espaço.

(As Terras do Céo.)

NOTICIAS VARIAS

Publicou-se ha dias a 2ª. parte do «Compendio de Botânica» pelo Illustrado Sr. Dr. J. Caminhoá.

Chamamos a attenção dos estudiosos pára este trabalho, digno por tantos títulos do apreço, que merecem obras desta natureza e infelizmente inda são raros entre nós.

Foi-nos offerecido um exemplar da Grammatica e Vocabulario de Montoya, obra importantissima, de cuja apreciação critica se encarregou uma de nossas autoridades mais competentes na materia, e que em breves offereceremos aos leitores do «Vulgarisador».

